

### 3

## Família popular e escola pública: análise de uma pesquisa quantitativa

Este capítulo tem por objetivo mobilizar os dados levantados pela pesquisa *Segregação Urbana e Institucional: O caso das escolas públicas no bairro da Gávea*<sup>16</sup>, trata-se de uma ação do projeto Gestão escolar e territórios populares. Os índices apresentados foram retirados do relatório elaborado da pesquisa (Burgos,2012), fundamentado a partir da análise dos dados dos questionários aplicados aos pais/responsáveis. Segundo o relatório, a amostra foi construída a partir do seguinte procedimento<sup>17</sup>:

Em primeiro lugar, produziu-se um banco de dados a partir das informações básicas de matrícula em 2009 dos 3.525 alunos das seis escolas públicas envolvidas no projeto. Com base nesse banco, utilizou-se a amostragem aleatória estratificada segundo as categorias de “responsável pelo aluno”. A alocação dos estratos de responsáveis na amostra foi feita sem seguir a proporcionalidade existente na população, com o objetivo de garantir um número consistente para a análise de estrato 2 (composta por responsáveis pais – cujo o objetivo de garantir um número consistente para a análise 2 (composta de responsáveis pais – cujo estudo se desejava aprofundar), o que não seria obtido caso se utilizasse uma amostra aleatória estratificada proporcional ou, igualmente, uma amostra aleatória não estratificada. (p.8)

O *survey* contemplou três escolas que atendem o primeiro segmento do Ensino Fundamental, do 1º ao 5ºano, duas que atendem o segundo segmento do 6º ao 9ºano e somente uma escola atende os dois segmentos. Conforme mencionado na introdução, a amostra contou com 3525 fichas de matrículas do ano de 2009 dessas seis escolas. A aplicação dos questionários ocorreu basicamente no 2º

---

<sup>16</sup> O bairro da Gávea, com cerca de dezessete mil habitantes, está localizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e abriga uma classe considerada média e alta, devido ao seu poder aquisitivo, segundo IDH da cidade.

A Gávea faz fronteira com uma grande favela, a Rocinha, além de ter em seu território uma pequena favela, com cerca de três mil habitantes, chamada Vila Parque da Cidade. As escolas públicas em questão atendem crianças oriundas tanto da favela localizada dentro do bairro da Gávea, Vila Parque da Cidade, quanto do seu entorno, inclusive da Rocinha e Vidigal. É possível afirmar que as escolas públicas localizadas no bairro da Gávea atendem, quase que exclusivamente, famílias provenientes das classes populares, das favelas no entorno, pois é importante ressaltar que a maioria das crianças moradoras da Gávea não frequenta escolas públicas e sim particulares.

semestre de 2010 e foram entrevistados 323 responsáveis. Menciono a dificuldade de encontrar os responsáveis, segundo as informações que constavam nas fichas, pois os números telefônicos não estavam atualizados e os endereços geralmente apontavam a Estrada da Gávea como referência (estrada que atravessa a Rocinha), contudo as residências ficavam em becos ou vielas no seu interior.

A dificuldade inicial de encontrar os pais/responsáveis através das fichas de matrículas dos alunos serve como uma análise inicial que comprova o quanto a escola está longe de suas famílias.

Ressalvo que ser integrante da equipe que realizou a aplicação dos questionários foi extremamente importante para minha formação acadêmica e também para meu crescimento pessoal. Pude constatar a dura realidade que aquela população sofre mergulhada na informalidade de acesso aos bens e serviços de consumo, na falta de ordem urbana e convivendo com as regras impostas pelo tráfico de drogas.

Como apresentei na introdução deste trabalho, meu objetivo em utilizar os dados coletados pelos questionários é construir um diálogo com a bibliografia utilizada que aponta para uma relação assimétrica entre famílias e escola. Uma escola degradada exposta a uma lógica segregacionista, “gestora da pobreza”. Portanto, nosso objetivo é o de refletir sobre o lugar da instituição escolar no projeto de vida das famílias populares moradores de favelas e qual o grau de participação dos responsáveis no processo de escolarização de seus filhos. Assim, trabalharemos com dois núcleos apresentados pelos resultados da pesquisa:

- 1- relação com a escola do estudante;
- 2- percepção sobre a escola do estudante.

Para que possamos garantir a compreensão do contexto que envolve os dados a seguir analisados, e levando em consideração que 266 responsáveis

---

<sup>17</sup> A amostra foi realizada pelo Professor do Departamento de Sociologia PUC-Rio, e doutor em estatística, Paulo César Greenhalgh de Cerqueira Lima (estatístico – CONRE nº 5157).



com um serviço intenso de moto táxi, grande parte dos moradores não consegue utilizá-lo justamente pela dificuldade de acesso.

Do universo escolar pesquisado, 76,8% dos responsáveis entrevistados são mulheres, o que confirma que o ambiente escolar é essencialmente feminino. Como se sabe, a presença das mulheres tanto no corpo docente quanto entre as responsáveis pedagógicas é dominante, sobretudo na Educação Infantil e 1º segmento do Ensino fundamental.

### 3.1. Configuração familiar.

Dos responsáveis pedagógicos entrevistados a mãe representa 70,3% e o pai<sup>21</sup> 22,3%, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 - Responsável pedagógico.

	N	%
1 Pai	72	22,3
2 Mãe	227	70,3
3 Avô/avó	16	5,0
4 Parente	5	1,5
5 Vizinho(a)/amigo(a)	2	0,6
7 Irmão/irmã	1	0,3
Total	323	100,0%

Entre os estudantes, mais da metade deles também é feminino e corresponde a 53,6 % distribuídos em todos os anos do Ensino Fundamental.

Uma variável de destaque segundo demonstra a tabela abaixo, diz respeito à composição familiar dos estudantes, pois 61,7% destes moram com mãe e pai,

<sup>21</sup> “O maior peso conferido ao pai na amostra tinha por objetivo permitir, posteriormente, uma análise da atuação do pai nesse universo que é marcadamente protagonizado pelas mulheres, especialmente as mães. No entanto, após consolidado o banco de dados, foram feitos vários testes que nos levaram a concluir que a condição de pai e mãe não produziria diferenças significativas no padrão de resposta, por essa razão não será considerada na análise.

enquanto 31,5% moram somente com a mãe, 4,4% moram sem a presença do pai ou da mãe e apenas 2,5% moram somente com o pai.

Tabela 2 - Presença dos pais no espaço doméstico do estudante

Configuração familiar	N	%
mora com pai e mãe	198	61,7
só com a mãe	101	31,5
nem pai nem mãe	14	4,4
só com o pai	8	2,5
Total	321	100,0

A maioria dos estudantes (71%) que mora com pai e mãe frequenta o 1º segmento. Já no 2º segmento 56,6% moram com seu pai e mãe.

Ao realizar o cruzamento entre a presença dos pais e a presença de outros parentes, observamos que menos de 25% dos estudantes vivem com outros parentes, além do pai e da mãe.

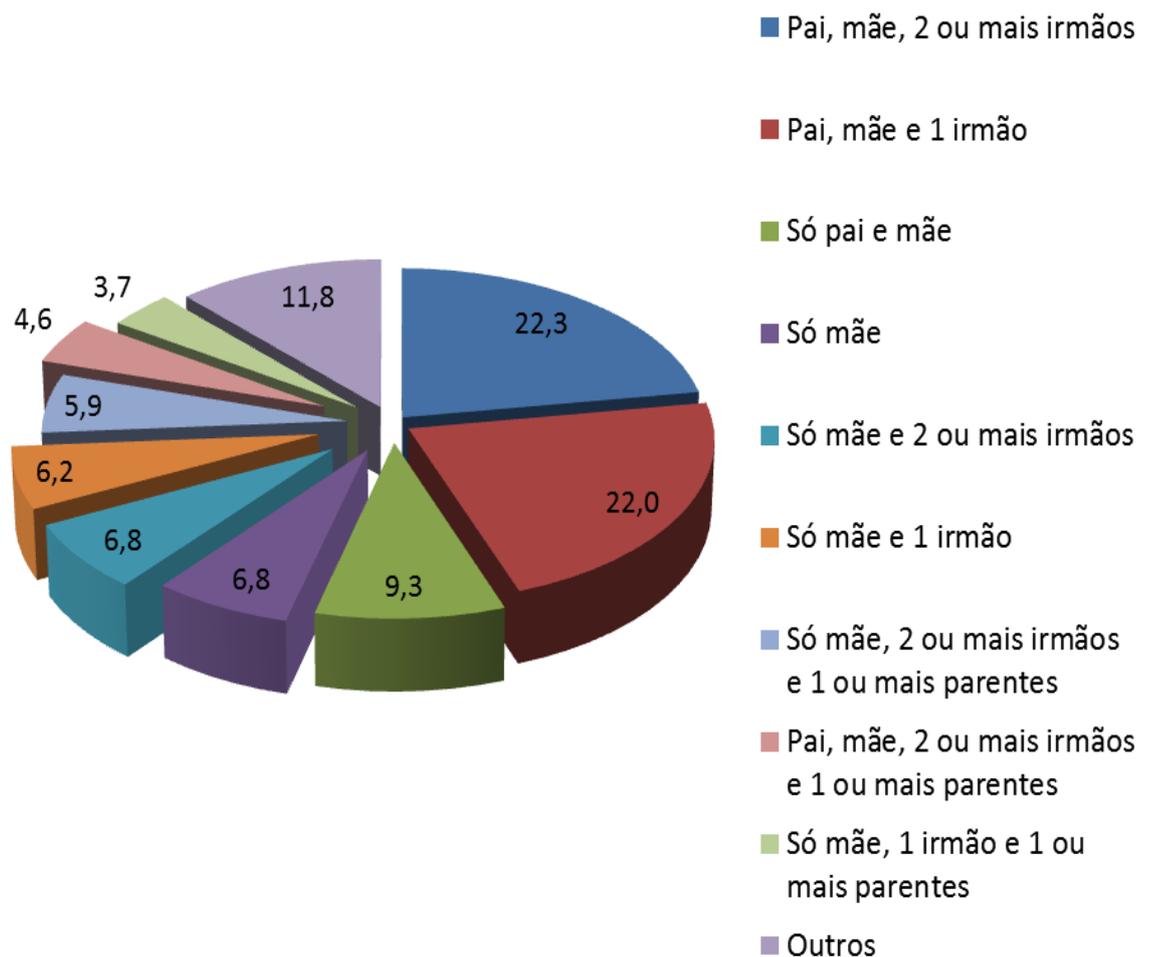
Do universo de 31,5% dos estudantes que moram só com as mães, os dados comprovam que a renda das mães que moram somente com o aluno, 46,5% destas, recebem no máximo 1 SM e 34,7% até 2 SM. As mães que declararam estar sem renda no momento da realização da pesquisa correspondem a 10,9%. O interessante é que somente 12% deste grupo recebem Bolsa Família.

Tabela 3 - Renda da mãe cujo estudante mora só com ela

	N	%
até 1 SM	47	46,5
entre 1 e 2 SM	35	34,7
sem renda	11	10,9
entre 2 e 5 SM	8	7,9
Total	101	100,0

Segundo a distribuição do número de pessoas que habitam com o estudante verificamos os seguintes dados: 5,9% moram com apenas uma pessoa, geralmente com seu responsável pedagógico; 15,5% com duas, seu responsável pedagógico e mais uma pessoa; 31,6% com até 3 pessoas, portanto, **52,9%, do grupo pesquisado, tem sua família composta por não mais de quatro componentes.** Menos de 22% dos alunos vivem em moradias com mais de 5 componentes. O número médio das pessoas que participaram da pesquisa por domicílio é de 3,59 e não difere muito da média de habitantes por domicílio do Rio de Janeiro que em 2000 era de 3,2 hab/dom<sup>22</sup>. É possível visualizar a configuração da família dos estudantes – situação de coabitação — no gráfico abaixo<sup>23</sup>.

### Configuração da família dos estudantes.



<sup>22</sup> Dados extraídos de Rocinha. Plano de Desenvolvimento..., op.cit,p.79.

<sup>23</sup> Gráfico extraído do Relatório elaborado por Marcelo Burgos, um dos coordenadores do projeto Gestão escolar e territórios populares.

Segundo o gráfico acima, a maior representação é a dos estudantes que moram com pai, mãe e pelo menos dois irmãos, seguida pela família composta por pai, mãe e um irmão, a representação seguinte é das famílias que o estudante mora só com seus pais. Essas três fatias, no gráfico, correspondem a 54 % do total.

Destacamos o fato que ainda 7,7% de alunos moram com pai e mãe incluindo outros parentes no domicílio além dos irmãos.

A maioria dos estudantes, portanto, mora com pai e mãe (61,7%), dado esse que nos levam a muitas reflexões. O discurso corrente nas escolas, quanto ao que se costuma denominar como “família desestruturada”, que não contaria com a presença das figuras do pai e da mãe, é confrontado pelos dados da pesquisa. Retomamos alguns fragmentos das entrevistas realizadas por Burgos e Paiva (2009), a fim de exemplificar uma fala muito comum dentro das escolas, que reforça a representação do abandono e descuido da família popular para com seus filhos.

Segue abaixo a “fala” de uma diretora<sup>24</sup>. Questionada sobre quais os tipos de dificuldades dos alunos, disse:

Não é só dificuldade de aprendizado, não. Têm problemas mesmo de relacionamento familiar, porque a gente tem muito drama aqui. A qualidade de vida que eles têm... a gente não passou pela metade do que eles já passaram. É coisa de botar a mão na cabeça e se perguntar como é que essa criança ainda consegue vir para a escola, fazer um dever, fazer prova... Há dramas imensos aqui. (Diretora, p.66).

Além dos dramas de relacionamento familiar, temos relatos segundo a percepção da diretora ligada à pobreza e a miséria:

Têm famílias aqui que são pobre de “marre deci”. Inclusive, tem uma que todo mês eu dou uma cesta básica e ninguém sabe quem é a família. O pai é alcoólatra e não trabalha e a mãe é doméstica e analfabeta para sustentar sete filhos. (diretora, p.66).

---

<sup>24</sup> Ver *A escola e a favela* (2009), p.66.

Com minha experiência na área docente trabalhando na Baixada Fluminense, um território também considerado segregado e violento<sup>25</sup> temos que considerar que existem famílias em situações de extrema vulnerabilidade. Contudo, a dimensão de pobreza, violência e abandono familiar tomam proporções que não condizem com a realidade. Essas histórias tendem a se tornar características dominantes, em uma concepção homogeneizadora no imaginário docente e a diversidade econômica e social da favela e da periferia não é percebida.

Ao contrário do estereótipo corrente entre os professores em relação às famílias de origem popular, numa dinâmica de ausência das figuras parentais nucleares (pai ou mãe), a pesquisa comprova que **61,7% dos alunos em uma família tradicional.**

Para identificar melhor a diversidade dos responsáveis pedagógicos, o relatório apresenta a classificação do grupo pesquisado segundo sua condição socioeconômica. Para tanto, criou um índice mobilizando as variáveis sobre a renda individual mensal, grau de instrução, faixa de ocupação e se o responsável tem computador em casa.

Foram criados três segmentos: baixo, médio e alto<sup>26</sup>. Encontram-se no nível socioeconômico mais alto 12,1% dos responsáveis, enquanto o nível médio é representado por 67,9%, e 20% pertencem ao nível mais baixo. Não considerar a heterogeneidade social e econômica apresentada por esses dados é reduzir as diversas configurações familiares a apenas uma, onde prevalece a pobreza e a desordem. A consequência é a diminuição das opções pedagógicas/educativas dos alunos dentro das escolas a favor de um determinismo social que não possibilita considerar a lógica socializadora familiar. É excluir quem não tem capacidade de participar do sistema educacional. É alimentar a ideia do aluno ideal e submeter o tempo todo o aluno real a uma concepção de aluno ideal, que é muito diferente dele.

---

<sup>25</sup> Ver Alves, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003.

<sup>26</sup> É importante ressaltar que o nível alto corresponde somente ao grupo pesquisado que pertence ao segmento popular, portanto, as classes C, D e E da sociedade.

### 3.2. Relação do responsável com a escola do filho.

Com o objetivo de enriquecer a análise que o responsável estabelece com a escola de seu filho, faremos uma breve apresentação dos dados relacionados ao histórico escolar dos responsáveis entrevistados. Quanto ao grau de escolarização, 38,8% dos respondentes têm no máximo 5 anos, ou seja, o 1º segmento do Ensino Fundamental completo (1º ao 5º ano) e 8 % afirmam serem analfabetos, entretanto, 30% dos responsáveis têm mais de 10 anos de estudo, o que corresponde ao Ensino Médio incompleto. **Os dados comprovam que a maioria dos entrevistados já frequentou a escola (68,8%), e 71,3% declaram que gostariam de estudar mais, portanto, o desejo de continuar a frequentar a escola demonstra a valorização do saber escolar.**

O relatório também apresenta cinco indicadores<sup>27</sup> que demonstram a relação do responsável pedagógico com a escola de seu filho, a saber:

1. Sobre a presença da escola no cotidiano doméstico do estudante<sup>28</sup>;
2. Sobre a relação do entrevistado com a escola do estudante<sup>29</sup>;
3. Sobre o grau de presença do responsável pedagógico na escola do estudante<sup>30</sup>;
4. Sobre o nível de proximidade do responsável em relação à escola do estudante<sup>31</sup>;
5. Sobre a intensidade de comunicação da escola com o responsável<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> Burgos, op.cit, 30, 2012.

<sup>28</sup> As variáveis para a composição desse índice perguntaram sobre o contato do estudante com colegas fora da escola, se ele traz e costuma fazer dever de casa, se costuma ler, e se sua casa tem um bom lugar para ele estudar.

<sup>29</sup> Quatro variáveis construíram esse índice. A primeira pergunta indagava se o respondente costuma conversar com o estudante sobre a escola; a segunda se ele conhece os colegas do estudante; a terceira e a quarta se o estudante costuma reclamar ou elogiar aspectos do cotidiano escolar.

<sup>30</sup> O índice reuniu variáveis que indagam se o responsável participa de reuniões coletivas na escola e se lembra dos assuntos tratados.

<sup>31</sup> O índice é composto de variáveis que indagam sobre o conhecimento do responsável sobre o nome dos professores e se conhece e já conversou com diretor e coordenador pedagógico.

O primeiro índice faz referência às atividades escolares realizadas dentro da rotina familiar. **Observamos, segundo a tabela, que para 73,5% das famílias a escola têm uma presença alta ou muito no cotidiano do estudante**, o que corrobora os índices anteriores que confirmam a valorização do saber escolar nas famílias pesquisadas. A presença baixa e muito baixa é representada por 26,5%

Tabela 4 - A presença da escola no cotidiano doméstico do aluno.

	N	%
Presença muito baixa da escola no cotidiano do aluno	9	2,9
Presença baixa da escola no cotidiano do aluno	74	23,6
Presença alta da escola no cotidiano do aluno	158	50,5
Presença muito alta da escola no cotidiano do aluno	72	23,0
Total	313	100,0
Missing	10	
Total	323	

O segundo índice complementa o primeiro e aponta que o responsável tem um alto grau de proximidade com o aluno em relação aos assuntos escolares e que a presença da escola nas relações estabelecidas no interior das famílias é muito alta ou alta representando 95% dos casos. Somente 5,6% dos responsáveis declararam distantes da rotina estudantil dos alunos.

Tabela 5 - Relação pedagógica entre o(a) responsável e o(a) aluno(a).

	N	%
Distante	18	5,6
Próxima	137	42,8
Muito próxima	165	51,6
Total	320	100,0
Missing	3	
Total	323	

<sup>32</sup> O índice inclui variáveis que indagam sobre a comunicação da escola com o responsável,

O terceiro índice retoma uma questão fundamental já abordada por esse trabalho. A ausência parental é um discurso presente nas escolas públicas e geralmente utilizado para justificar o fracasso escolar dos alunos. Com um índice de 60,4%, os responsáveis teriam presença média nas instituições escolares e apenas 7,1% teria o perfil ausente. O índice que corresponde aos responsáveis com presença média e alta é de 66,9%. Vejamos o gráfico seguinte:

Tabela 6 - Presença do (a) responsável pedagógico (a) na escola do(a) estudante

	N	%
Ausência	23	7,1
Presença baixa	84	26,0
Presença média	195	60,4
Presença alta	21	6,5
Total	323	100,0

Se considerarmos o fato de que a omissão parental não deve ser só percebida nas faltas às reuniões escolares e que os pais podem participar do processo pedagógico acompanhando as tarefas de casa, por exemplo, observamos que a família está presente no processo educativo. E ainda vale lembrar que muitos responsáveis frequentam as escolas em horários diferentes das reuniões escolares e muitas vezes em horários que também diferem do horário de alguns professores, principalmente do 2º segmento. A dinâmica escolar é intensa, os dias e os horários para realizar a reunião dos professores são muitas vezes insuficientes para que todas as questões envolvendo alunos e famílias sejam discutidas. Deve-se considerar a hipótese de que a escola não esteja percebendo o interesse dos responsáveis em participar de forma mais presente nas escolas.

Nosso próximo índice tem o objetivo de verificar o grau de conhecimento que os responsáveis têm em relação à escola do estudante. Conforme os dados, 70% dos respondentes podem ser considerados próximos e muito próximos da escola. Observe o gráfico:

---

incluindo convite para reuniões.

Tabela 7 - Proximidade do(a) responsável pedagógico(a) com a escola do aluno

	N	%
O (A) responsável é distante da escola	98	30,3
O (A) responsável é próximo (a) da escola	147	45,5
O (A) responsável é muito próximo (a) da escola	78	24,1
Total	323	100,0

O quinto índice considerou a intensidade de comunicação da escola com o responsável. Segundo o gráfico abaixo, quase 50% dos pais/responsáveis respondem pela intensidade alta e 2,8% pela baixa.

Tabela 8 – Intensidade da Comunicação da escola como Responsável

	N	%
Baixa	9	2,8
Média	152	47,4
Alta	160	49,8
Total	321	100,0
Missing	2	
Total	323	

Considerando que o último índice levou em conta variáveis que indagam sobre a comunicação da escola com o responsável, incluindo convite para reuniões, percebemos que a comunicação entre famílias e escola é fluida para pelo menos metade dos respondentes.

Na relação entre escolas e famílias, Philippe Perrenoud (2001) afirma que entre pais e professores o aluno é um ator ativo que influencia diretamente nesta

comunicação. O sociólogo suíço qualifica o estudante como “go-between”, ou seja, um agente de ligação que complementa as conversas em reuniões, conversas telefônicas, recados entre pais e professores, etc.

Perrenoud chama a atenção para o fato da dupla pertença do *go-between* que ora valoriza a sua relação com a escola e ora valoriza sua relação com os pais, (...) “longe de ser um mensageiro dócil, o *go-between* é o árbitro da relação entre seus pais e os seus professores” (p.30).

Na relação que envolve a escola e a família é importante que ambas as instituições considerem que grande parte da comunicação entre elas é realizada pelo aluno. Relevante considerar essa ideia, pois tanto a escola como a família tendem a julgar o estudante como agente passivo nessa relação.

O autor esclarece que o aluno é “simultaneamente mensageiro e mensagem” (p.30), e deve ser reconhecido como agente ativo na comunicação da escola com a família, reforça (ou não) o nível de interesse dos pais em relação à sua vida de estudante.

Percebemos que os pais/responsáveis declaram ter interesse na vida estudantil de seus filhos e que a “fala” repetida da ausência parental deve ser observada com mais cuidado. Os respondentes valorizam o saber escolar, apesar da pouca escolaridade, pois gostariam de estudar mais e consideram a escola uma parte importante de suas vidas. São índices que exigem reflexões que levam em conta a postura docente e da escola no seu relacionamento com as famílias.

A família pode representar uma grande aliada na busca da qualidade de ensino nas escolas públicas, auxiliando não só o trabalho pedagógico, mas também o cotidiano escolar e ajudando seu desenvolvimento, exigindo as condições necessárias perante às instituições governamentais para que possam garantir uma educação de qualidade, pois quase 90% dos responsáveis esperam que o seu filho chegue à faculdade.

Interessante é observar que como se pode constatar na tabela 9, 35,9% dos entrevistados, ao serem perguntados sobre o que acham que a escola pode fazer de mais importante para o estudante, optaram por ensinar a ser um bom/boa cidadão/cidadã. Mesmo tendo a questão da mobilidade social presente, os

responsáveis esperam da escola uma formação voltada para o princípio democrático republicano de um sujeito crítico capaz de conhecer seus direitos e deveres, mobilizar-se e promover mudanças sociais. Uma escola que exerça tanto a função de instruir como a de socializar. Os responsáveis reconhecem que a escola é um instrumento de comunicação e mediação da favela com a cidade. Percebem a oportunidade de seus filhos participarem de ambientes culturais diferentes do local de sua moradia, em que o direito e a ordem pública existem.

Tabela 9 - O que você acha que a escola pode fazer de mais importante pelo estudante?

	N	%
Ensinar matemática e a ler e a escrever	7	2,2
Fazer com que ele vá mais longe do que eu nos estudos	46	14,2
Fazer com que ele (a) possa chegar na faculdade	141	43,7
Ensiná-lo a ser uma pessoa trabalhadora	8	2,5
Fazer com que ele (a) aprenda a ser um cidadão/cidadã	116	35,9
De tudo um pouco	3	0,9
Dar bolsas de instituições particulares para os mais inteligentes	1	0,3
Não sabe	1	0,3
Total	323	100,0

A realidade dos alunos que residem em favelas sempre participou do imaginário da cidade de forma negativa fortalecendo um sentimento de insegurança e medo. A favela, antro de criminosos, viciados e delinquentes, como é representada simbolicamente sempre causou temor aos moradores de bairros próximos e desde o processo de massificação do Ensino Fundamental também entre os profissionais que trabalham em escolas públicas localizadas fora das

favelas. A área da pedagogia reconhece o quanto importante é contextualizar o máximo possível os conteúdos com a realidade de vida dos alunos, portanto, conhecer o universo dos alunos possibilita que os conteúdos sejam apreendidos com mais facilidade além de também tornar as aulas mais significativas.

Dos responsáveis que participaram da pesquisa, 35% acham que a escola não conhece nada ou quase nada da realidade de seus alunos e 38,7% acreditam que a escola conhece “um pouco”. Os entrevistados que optaram por “conhece muito” correspondem a 25%. Em uma análise mais detalhada é possível afirmar que quase 74% concordam que a escola conhece nada, quase nada e “um pouco” da realidade de vida dos estudantes. Acompanhe os índices:

Tabela 10 - Você acha que a escola conhece a realidade dos alunos?

	N	%
Sim,muito	82	25,4
Sim,um pouco	125	38,7
Quase nada	58	18,0
Nada	54	16,7
Não sabe	1	0,3
Não respondeu	3	0,9
Total	323	100,0

Nossa leitura em relação aos dados reconhece famílias que querem participar mais de atividades propostas pelas escolas. Famílias que valorizam o saber escolar e que muito podem colaborar na reversão do atual quadro de degradação das escolas públicas.

Uma relação capaz de conduzir para uma reflexão acerca da segregação urbana que caracteriza a cidade do Rio de Janeiro.